

O Partido Revolucionário, Vanguarda Consciente do Proletariado:

a Concepção de Lênin
Ronaldo Coutinho

Como citar: COUTINHO, R. O Partido Revolucionário, Vanguarda Consciente do Proletariado: a Concepção de Lênin. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.83-104. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p83-104>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO, VANGUARDA CONSCIENTE DO PROLETARIADO: A CONCEPÇÃO DE LÊNIN

Ronaldo Coutinho

Ao camarada Milton Pinheiro, exemplo de militância revolucionária.

“As proposições teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo nenhum, em ideias e princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo. São apenas expressões gerais de relações efetivas de uma luta de classes que existe, de um momento histórico que se processa diante de nossos olhos” (MARX; ENGELS, *Manifesto do Partido Comunista*).

“Para chegar a ser, aos olhos do público, uma força política faz-se necessário trabalhar muito e com obstinação para *eleva*r o nosso nível de consciência, o nosso espírito de iniciativa e a nossa energia; para tanto, não basta colar o rótulo de ‘vanguarda’ numa teoria e numa prática de ‘retaguarda’” (LENIN, *Que Fazer?*).

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo o meu objetivo maior é explorar algumas questões que envolvem diretamente a militância política dos comunistas tendo como norte a concepção de partido revolucionário desenvolvida e consolidada por Lênin, como organização política decisiva para o projeto de ultrapassagem da barbárie concretizada pelo modo de produção capitalista e sua pervertida sociabilidade.

Embora óbvia, registro a observação de que seguir a perspectiva teórico-metodológica de Lênin não implica confundi-la com um *modelo*: analisar e ter como referência a construção histórica do partido revolucionário com raízes na classe trabalhadora, presente em vários momentos da ação e da obra de Lênin é recuperar a estreita relação entre a teoria, *como reprodução ideal do movimento do real*, com as possibilidades de organização política do proletariado e sua participação na construção de uma sociedade na qual o homem tenha, enfim, primazia sobre a mercadoria.

Não ignoro as insistentes críticas à concepção da organização de uma *vanguarda consciente do proletariado* no sentido de caracterizá-la como uma teorização “datada”, elaborada a partir de uma conjuntura histórica específica de um país, na medida em que Lênin enraíza suas observações na realidade russa entre o final do século XIX e o início da segunda década do século passado. Todavia é necessário frisar que Lênin se orienta pela categoria de *formação econômico-social* que possibilita compreender a direção do desenvolvimento de um processo histórico, antes mesmo que suas linhas tenham emergido com plena clareza, mas não esgota a necessidade de descobrir o modo específico pelo qual a formação econômico-social se corporifica nas diferentes situações.

É verdade que Lênin, durante muito tempo, volta sua reflexão para a particularidade histórica da Rússia, para a diversidade e originalidade dos processos revolucionários segundo as condições nacionais, mas é exatamente a estreita relação entre a teoria e ação, a sistemática preocupação com o fato de que, para ele, a política só faz sentido e só é plena quando orientada pela teoria, em suas palavras, assim sintetizadas: “sem teoria revolucionária, não existe movimento revolucionário”, pelo conhecimento das leis que governam o desenvolvimento histórico e das categorias que devem ser aplicadas à análise das situações concretas, que torna praticamente impossível compreendermos os seus escritos e suas ações se não os situarmos no momento histórico que os referenciam; aliás, o próprio Lênin adverte no prefácio à coletânea de artigos publicados no período 1895- 1905, editada em 1907 que:

O erro fundamental em que incorrem hoje os que polemizam com o *Que Fazer?* é o de quererem separar essa obra de seu contexto histórico

e abstraí-la de um período específico e já afastado do desenvolvimento de nosso país (LENIN, *Oeuvres*, 1967, v. 13, p. 101).

Em outros termos o modo como ele trabalha com a categoria de *formação econômico-social* permite estabelecer a necessária relação entre a teoria e a ação, *prática que articula e consolida a unidade do seu pensamento*¹ e não autoriza, sob qualquer hipótese, certas interpretações que baseadas em referências descontextualizadas recortadas em seus escritos, destacadas da análise das situações concretas que as originaram e, ao mesmo tempo, no “esquecimento” ou deliberadas omissões de afirmações essenciais feitas nos mesmos textos. Não só na vulgata stalinista, mas também em diversas propostas de interpretação que recorrem a recortes de uma providencial tesoura “epistemológica” esse tipo de deformação tem prejudicado substancialmente a abordagem da obra de Lênin² e, sem dúvida, contribuído para alimentar a rejeição acadêmica do legado teórico lenineano³.

Esclareço, ainda, que este artigo não é uma comunicação estritamente destinada ao âmbito do debate acadêmico, mesmo reconhecendo a utilidade desse tipo de debate para a socialização do conhecimento; no meu entendimento pessoal – obviamente sujeito a crítica e, portanto, a eventuais retificações – há sensíveis diferenças entre o estudo, a discussão e a construção da teoria e seu potencial de intervenção efetiva na realidade como atividades que se desenvolvem no espaço acadêmico, empreendidas por intelectuais *efetivamente comprometidos com a perspectiva revolucionária lastreada no marxismo* e encontros, seminários e eventos assemelhados que

¹ Em Henri Lefebvre encontramos uma avaliação significativa da maneira pela qual Lênin utiliza a categoria de *formação econômico-social* ao longo de toda a sua obra (Cf. LEFEBVRE, H. *La pensée de Lénine*. Paris: Ed. Bordas, 1957 – especialmente p. 206 et seq.).

² Exemplos dessa prática encontramos em RODRIGUES, Leôncio Martins; DE FIORE, Ottaviano. Lênin e a Sociedade Soviética: o capitalismo de estado e a burocracia (1918- 1923). *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 15, jan./mar. 1976 e também em CARLO, Antonio. A concepção do partido revolucionário em Lênin. *Estudos Cebrap*, São Paulo, jan./mar. 1975, ambos pertinentemente criticados por Vinícius Caldeira Brandt em “Nota sobre as interpretações burocráticas da burocracia ou as artes da tesoura”. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 17, jul./out. 1976.

³ Tenho insistentemente apontado e criticado essa rejeição em diversas circunstâncias e, neste sentido, entrado em linha direta de atrito com muitos colegas que, a despeito de sua alegada vinculação com o marxismo (ou, como preferem, com a teoria social marxiana) acomodam sua prática e militância intelectual e política nos estreitos limites do espaço acadêmico e, com esse horizonte acanhado, endossam, direta ou indiretamente, a falsa disjuntiva “intelectual X militante”. A propósito, ver COUTINHO, Ronaldo. Por que Lênin?, *Novos Temas: Revista de Debate e Cultura Marxista*, São Paulo, n. 9, p. 103-119, 2014.

tem como objetivo precípua ou dominante o atendimento de um conjunto de requisições e práticas rituais que, sobretudo estimuladas e/ou condicionadas pelo atual *produtivismo* incentivado e controlado pela *burocracia do conhecimento*, que resultam, com raras exceções, na consolidação do *academicismo*, que não é destituído de consequências políticas, como assinala a precisa crítica de José Paulo Netto:

[...] o que hoje é dominante no panorama da esquerda é, a meu juízo, um *marxismo penitente* – praticado por marxistas e ex - comunistas (ou seriam ‘pós-comunistas?’) que, para purgar-se do desastre em que se saldou a expectativa do chamado ‘socialismo real’, pretendem superar a ‘ortodoxia metodológica’ pela via do *pluralismo*, transitar da modernidade do socialismo científico para a criatividade pós-moderna da *reinvenção das utopias*, substituir a exigência da supressão da propriedade privada dos meios fundamentais de produção pelo *controle social do mercado*, deslocar as ‘velhas’ concepções das lutas de classes pelas ‘novas’ *lutas sociais moleculares*, enfim propor, em lugar do ‘ultrapassado’ projeto revolucionário, a constituição de um *novo contrato social* (NETTO, 2004, p. 9-10, itálicos do autor).

Na condição de marxista *impenitente* e comunista, recorro as palavras do sempre saudoso Florestan Fernandes:

[...] as massas populares e as classes trabalhadoras se afirmam como as únicas alavancas da revolução democrática, esta só poderá conter uma *transição burguesa extremamente curta*. Cabe aos socialistas dinamizar a ‘revolução dentro da revolução’. Hoje, mais que no passado, a civilização do consumo de massas constitui um ópio do povo. As massas populares e as classes trabalhadoras *só podem ser educadas para o socialismo através de um forte movimento socialista*, dentro do qual elas forneçam as bases, os quadros e as vanguardas, e através do qual elas *disputem* o poder das classes dominantes, deslocando-as do controle do Estado e do sistema de opressão institucional ‘democrático’. O que assinala que, se os caminhos são diversos, várias lições de *Que Fazer?* preservam toda a atualidade, sob a condição de que a opção pelo socialismo seja tomada para valer (FERNANDES, 2010, p. 288, itálicos meus).

Em sintonia com a questão levantada por Florestan Fernandes, vale sublinhar que as raízes do *partido de vanguarda* – cuja definição mais elaborada despontaria com o advento da III Internacional – nas concepções teóricas de Lênin antes mesmo dos movimentos de 1902 e 1905,

mesmo considerando que até 1907, esse partido era pensado como um *partido de quadros* e, depois, em função de sua análise das condições da luta revolucionária na Rússia, constatada a necessidade de crescimento e ampliação das atividades de *agitação política e propaganda*⁴, é que ele assume uma dimensão mais ampla sem, contudo, afastar-se de sua matriz teórica: em nenhum momento o partido revolucionário deixou de refletir o cerne da originária orientação lenineana, isto é, *o rigor dos princípios só é válido quando confrontado com o mundo real e concreto, com as contradições que impõem uma sistemática revisão de procedimentos*.⁵

É com base nessa matriz teórica que busco responder à seguinte indagação: até que ponto, considerando as diferenças entre o tempo de Lênin e o momento histórico atual, as particularidades da revolução russa e do movimento revolucionário europeu do final do século XIX aos meados do século passado, as implicações da derrocada do chamado “socialismo real” na URSS e no Leste europeu, a financeirização da riqueza e a hegemonia da oligarquia financeira, a própria consolidação do capitalismo na formação social brasileira, as novas dimensões e formas da luta de classes, podemos suprir a necessidade histórica de um *partido revolucionário* mediante o recurso ao que subsiste atual na concepção lenineana?

⁴ Atentar para a diferença estabelecida por Lênin entre esses dois tipos de atividade no desenvolvimento e dinâmica da ação revolucionária (Cf. *Que Fazer?*, 2010, cap. III, p. 134-197).

⁵ A propósito da unidade do pensamento de Lênin e de sua peculiar interpretação e da maneira pela qual ele se apropria teórica e metodologicamente do marxismo, há muitas e relevantes questões cuja análise extrapolaria o fulcro e o espaço deste artigo, por isso, dentre os trabalhos que merecem, a meu ver, uma cuidadosa leitura crítica relaciono: 1) NETTO, José Paulo. Lênin e a instrumentalidade do Estado. In: _____. *Marxismo impenitente*. São Paulo: Cortez, 2004 (especialmente p. 119-125); 2) BRAZ, Marcelo. Apresentação. In: LENIN, V. I. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010 (esp. p. 15-28); 3) GRUPPI, Luciano. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. cap. I, II e VIII; 4) JOHNSTONE, Monty. Lênin e a revolução. In: HOBBSAWM, Eric J. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; 5) LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012; 6) BENSÁID, D.; NAIR, A. A propos de La question de l'organisation: Lénine et Rosa Luxemburg, *Partisans*, Paris, n. 45, 1969; 7) BENEFELD, Werner; TISCHLER, Sérgio (Comp.). *A 100 Anos del Qué Hacer? Leninismo, crítica marxista et la cuestión de la revolución hoy*. Buenos Aires: Puebla, Herramienta: Universidad Autónoma de Puebla, 2002; 8) COUTINHO, Ronaldo. *Lenin: a dimensão teórica e prática do compromisso político revolucionário*. In: LENIN, V. I. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2014. p. 9-40; 9) BERTELLI, Antonio Roberto. *Capitalismo de estado e socialismo: o tempo de Lênin 1917-1927*. São Paulo: IPSO-Instituto de Projetos e Pesquisas Sociais e Tecnológicas, 1999; A questão do Estado e da transição em Lênin e Bukhárin, *Novos Rumos*, ano 1, n. 2, p. 181-221, 1986; 10) MAZZEO, Antonio Carlos. Lênin e a teoria do estado revolucionário. *Novos Rumos*, ano 2, n. 2, p. 155-187, 1987; 11) GARCIA, Marco Aurélio. Reforma e Revolução/Reforma ou Revolução (Discussão de um paradigma). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 9-38, mar./ago. 1990.

Na relação entre as contradições presentes na profunda e duradoura crise que envolve o conjunto do sistema capitalista, agravada desde 2006, que se manifesta pelas bruscas flutuações do comércio mundial, recessão, expansão generalizada do desemprego e graves tensões no centro e na periferia do sistema ⁶ e suas ramificações no Brasil, consolida-se a percepção de que as tendências estruturais do desenvolvimento do capitalismo descobertas por Marx, ao contrário do que afirmam os apologistas da ordem burguesa, não foram infirmadas (a concentração e a centralização do capital, a recorrência das crises, a contínua reprodução da pobreza relativa e crescentes emersões de pobreza absoluta etc.), o que, demais da irresolução dos problemas estruturais da sociedade possibilita a vigência (e urgência) da necessidade histórica de uma alternativa socialista, ao invés da resignação preconizada pelos fundamentalistas da tradição liberal, mesmo em sua versão pós-moderna⁷. E no momento em que recrudescem manifestações caracterizadas pelo forte grau de espontaneísmo e problemas de direção política, penso ser oportuno lembrar que:

[...] não pode haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade; que quanto mais extensa for a massa espontaneamente integrada à luta, massa que constitui a base do movimento e nele participa, *mais presente será a necessidade de tal organização e mais sólida ela deverá ser* (LENIN, *Que Fazer?*, 2010, p. 194-195, itálicos meus).

Afinal, nesse tempo de hoje, como observa Milton Pinheiro:

Mais do que nunca é preciso ter convicção. Tornar-se impositivo, trabalhar no sentido do recrutamento de numerosos quadros da classe operária e formá-los na cultura comunista. Pois ser comunista *implica uma vinculação ontológica, não é a mesma coisa que ser de esquerda* (PINHEIRO, 2012, p. 68-69, itálicos meus).

⁶ Para uma análise aprofundada e crítica ver COSTA, Edmilson. *A crise econômica mundial, a globalização e o Brasil*. São Paulo: ICP, 2013; *A globalização e o capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009; MUNIZ FERREIRA. Crise de hegemonia, globalização e imperialismo. In: MILTON PINHEIRO (Org.). *A reflexão marxista sobre os impasses do mundo atual*. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 213-236.

⁷ A propósito dessas rápidas observações incluídas no texto para efeito de raciocínio, vale a pena conferir, para o devido aprofundamento, o brilhante ensaio de CHASIN, J. A sucessão na crise e a crise na esquerda. *Ensaio*, n. 17/18, 1989 (especialmente p. 10-25) e os não menos estimulantes e dois expressivos ensaios de José Paulo Netto, reunidos em *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

2 ORGANIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA POLÍTICA DE CLASSE

“É preciso sonhar, mas com a condição de acreditar seriamente nos seus sonhos, observar atentamente a realidade, compara suas observações com a vida concreta e trabalhar consciente e escrupulosamente para realizá-los” (Citação feita por Lênin do ensaio de D. I. Pissarev “Erros de um pensamento imaturo”).

Em maio de 1904, Lênin publica em Genebra uma análise do congresso decisivo para a vitória dos bolcheviques sobre os mencheviques e para a afirmação do perfil do *partido de vanguarda* com a perspectiva da revolução democrático-burguesa (programa mínimo) e da *ditadura do proletariado* (programa máximo) no texto de *Um Passo Em Frente, Dois Passos Atrás (A Crise no Nosso Partido)*⁸ do qual uma afirmação, mesmo longa, requer transcrição:

O proletariado, na sua luta pelo poder, não dispõe de outra arma senão da **organização**. Dividido pela concorrência anárquica que reina no mundo burguês, esmagado pelo trabalho servil sob o capital, constantemente atirado ao abismo da mais completa miséria, do embrutecimento e da degenerescência, o proletariado só pode tornar-se – e se tornará inevitavelmente – uma força invencível quando a sua unidade ideológica, baseada nos princípios do marxismo e cimentada pela unidade material da **organização que reúne milhões de trabalhadores num exército da classe operária**. A esse exército não poderão resistir nem o decrépito poder da autocracia russa, nem o poder em declínio do capital internacional. Esse exército cerrará cada vez mais suas fileiras, apesar de todos os ziguezagues e passos atrás, apesar da fraseologia oportunista dos girondinos da socialdemocracia contemporânea, apesar dos louvores presunçosos do espírito de círculo atrasado, apesar do falso brilho e do palavreado anarquista *próprio de intelectuais* (LENIN, *Oeuvres*, 1966, t. 7, p. 434, itálicos do autor e negritos meus).

⁸ Lênin trabalhou durante vários meses nesse livro, revendo e analisando cuidadosamente as atas das sessões e as resoluções do II Congresso do POSDR, as intervenções de cada um dos delegados, os agrupamentos políticos que se formaram, bem como os documentos do Comitê Central e do Conselho do Partido, materiais que foram publicados em janeiro de 1904. Uma síntese foi também escrita por Lênin, com o mesmo título do livro, como resposta ao artigo de Rosa Luxemburgo “Questões de Organização da Social Democracia Russa”, publicado nos números 42 e 43 de *Die Neue Zeit* – órgão da social democracia alemã - com críticas da autora ao “ultracentralismo” defendido por Lênin, porém o artigo de Lênin, enviado a Kautsky para ser publicado no mesmo órgão, foi recusado e só veio a público em 1930, seis anos após a morte de Lênin.

A ideia de *organização* desempenha um papel decisivo no conjunto do pensamento, da obra e da ação revolucionária de Lênin, como ressalta Marcel Liebman (1973, v. 1) e na concepção do partido revolucionário é um componente necessário, estratégico. Conforme assinala Liebman,

[...] A *organização* bolchevique é a criação pessoal de Lênin e com razão, o leninismo e o bolchevismo podem ser confundidos. A própria ideia de *organização* assume no leninismo um papel essencial: *organização* do instrumento revolucionário, *organização* da própria revolução, *organização* da sociedade gerada pela revolução. A insistência sobre a necessidade absoluta da organização é recorrente ao longo de toda a obra e da trajetória de Lênin (LIEBMAN, 1973, v. 1, p. 16, itálicos do autor).

E a questão da organização, desde os primeiros escritos e sua polémica teórica com os populistas implica reflexões sobre a relação entre o trabalho teórico e os problemas políticos e organizativos. A importância dessas reflexões é devidamente realçada por José Paulo Netto na substancial “Introdução” de *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* nas palavras do autor:

[...] a reflexão teórica e a prática política de Lênin, nos anos 90, não podem ser reduzidas a um conjunto de intervenções diversas, vinculada pelos nexos que unem a crítica ao populismo a uma análise científica capaz de aportar elementos para a elaboração de uma estratégia a ser implementada por um partido revolucionário da classe operária. Antes, *devem ser tomadas como a efetivação de um projeto global integrado de apreensão da dinâmica econômico-social de uma formação histórica particular, da identificação das suas tendências mais profundas, da determinação do seu movimento*. Da reposição dos traços essenciais dessa formação histórica particular no âmbito da instância analítica é que deriva a crítica social que abre a via para uma intervenção política cientificamente dirigida (donde inclusive, mas não só, o partido “de novo tipo”) (NETTO, 1982, p. ix-x, itálicos do autor).

No seu primeiro livro, em 1894, *O que são os “Amigos do povo” e como lutam contra os socialdemocratas* Lênin já indica que “a organização de um Partido operário socialista” constituía uma “tarefa imediata” para o movimento revolucionário russo (*Oeuvres*, 1966, t. 1, p. 319) e, em 1899, nos artigos *Nossa Tarefa Imediata* e *Uma Questão Urgente* (*Oeuvres*, 1959, t. 4, p. 221-226; 227-232) reitera a necessidade de solução daquilo

que considera o “problema urgente”, “o ponto nevrálgico” do movimento, a importância estratégica da criação de “um órgão central do partido” (p. 230), tanto quanto a “absoluta necessidade de um jornal revolucionário” (p. 226), mas o que deve ser destacado, a meu ver, é o *processo de transformação da luta econômica em luta política*, inscrito como objetivo de um *programa comum* para todos os ramos do movimento socialdemocrata: “Quais são as principais questões suscitadas pela aplicação à Rússia do programa comum a todos os socialdemocratas? Já tínhamos dito que a essência desse programa consiste em *organizar e dirigir a luta de classes do proletariado*, cujo objetivo final é a conquista do poder político pelo proletariado e a organização de uma sociedade socialista” (p. 218). Contudo, já naquele momento, nos mesmos escritos – que antecedem os movimentos de 1902 e 1905 e o *Que Fazer?* – Lênin explicita sua divergência com os “economicistas” que orientavam os socialdemocratas a se ocuparem não da luta política contra a autocracia russa, mas das lutas obreiristas, que não ultrapassavam os limites das lutas meramente econômicas. E configura-se, desde então, o projeto do *partido de vanguarda*.

Em *Nosso Programa*, escreve com toda a clareza:

Todos os socialdemocratas concordam com a necessidade de *organizar a ação econômica da classe operária*, de conduzir uma agitação entre os operários, de ajudar os operários nesse aspecto, ou seja, de ajudá-los na sua luta cotidiana contra os patrões, de despertar sua atenção para todas as formas e todos os casos de opressão e portanto fazê-los compreender a necessidade de união. *Mas esquecer a luta política em função da luta econômica seria afastar-se do princípio essencial da socialdemocracia internacional e esquecer o que nos ensina toda a história do movimento operário* (LENIN, *Oeuvres*, 1959, t. 4, p. 218, itálicos meus).

E de forma conclusiva:

[...] Não é a luta econômica que pode trazer para os operários uma melhoria constante, significativa, se os operários não tem o direito de organizar reuniões livremente, sindicatos, de ter os seus jornais, de enviar seus representantes às assembleias nacionais, como fazem os operários da Alemanha e de todos os demais países da Europa (com exceção da Turquia e da Rússia). Para conquistar esses direitos faz-se necessária *uma luta política* (LENIN, *Oeuvres*, 1959, t. 4, p. 219, itálicos do autor).

Por isso,

Toda luta econômica transforma-se necessariamente em uma luta política, e a socialdemocracia deve ligar indissolavelmente uma e outra *numa luta de classes única do proletariado*. O primeiro e principal alvo deve ser a conquista dos direitos políticos, *a conquista da liberdade política* (LENIN, *Oeuvres*, 1959, t. 4, p. 219, itálicos do autor).

Ao comentar o texto de Plekhanov, *Socialismo e luta política* (1883), Lênin reitera que “o movimento revolucionário russo deve precisamente promover a fusão do socialismo com a luta política, *a fusão do movimento espontâneo das massas operárias com o movimento revolucionário*” [...] É tarefa da socialdemocracia *desenvolver a consciência política das massas*, e não deixar-se levar a reboque pelas massas privadas de direitos políticos” (LENIN, *Oeuvres*, 1959, t. 4, p. 295-296, 298, itálicos meus).

De qualquer modo, Lênin faz uma distinção entre os objetivos e as formas de organização do partido e das organizações operárias, na medida em que estas atuam em uma esfera mais imediata da luta de classes, como ocorre nos embates econômicos nas fábricas, delimitados pela defesa dos interesses particulares, mas nem sempre necessariamente relacionados à luta política. Esta diferença acentua claramente a divergência de suas concepções com aquelas defendidas pelos “economistas” sob a argumentação de que,

[...] A luta política da socialdemocracia é muito mais ampla e mais complexa que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência), a organização de um partido socialdemocrata revolucionário deve inevitavelmente constituir um *gênero diferente* da organização dos operários para a luta econômica (*Que Fazer?*) (LENIN, 2010, p. 181, itálicos do autor).

Este é o cerne da concepção lenineana do partido político revolucionário, ou seja, a relação entre *consciência* e *espontaneidade*, pois o *partido se constitui no momento em que a teoria revolucionária se articula com o movimento operário*; ou seja, para Lênin o partido de vanguarda deve atuar como o grande instrumento de mediação entre a teoria revolucionária e a prática política das massas e a partir de objetivos estratégicos – definidos

pela “análise concreta da situação concreta” – operar a construção da unidade ideológica entre os diversos movimentos da classe trabalhadora.

Encontra-se em Marx e Engels, quando escrevem o *Manifesto*, uma indicação para a concepção teórica do partido revolucionário;

[...] os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários pelo fato de que nas diferentes fases por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam sempre e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto [...] Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; *do ponto de vista da teoria* têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições de andamento e *dos fins gerais do movimento proletário* (MARX; ENGELS, 1978, v. 1, p. 31, itálicos meus).

Isto é, o que se destaca, para eles, é o *momento da consciência teórica* e Lênin se orienta nessa direção. A necessidade da teoria, enfatizada por ele, ao longo de toda a sua obra, reflete, em boa parcela, a influência das análises de Engels sobre as guerras camponesas na Alemanha e é reconhecida no capítulo I do *Que Fazer?*, quando faz referências explícitas no item “Engels e a importância da luta teórica” (LENIN, 2010, p. 78) e transcreve algumas observações do prefácio à segunda edição alemã (1874) de *As Guerras Camponesas na Alemanha*⁹.

Todavia, a enorme importância atribuída por Lênin à teoria também deve ser vinculada a certos componentes da conjuntura histórica dos primeiros momentos de sua obra, especialmente *Que Fazer?* (1901-1902), *Um passo à frente, dois passos atrás (a crise no nosso partido)*, de 1903 e *Dois táticas da socialdemocracia na revolução democrática* (1905): as influências

⁹ Lênin extrai as citações de Engels do “Prefácio da Segunda Edição Alemã” de *As Guerras Camponesas Na Alemanha*. Após mencionar as vantagens dos operários alemães com relação aos operários do resto da Europa “[...] A primeira é de pertencerem ao povo mais teórico da Europa e de *terem conservado todo esse sentido teórico*, quase completamente perdido pelas classes chamadas ‘cultas’ da Alemanha. Sem a filosofia alemã que o precedeu, sobretudo sem a filosofia de Hegel, nunca se teria criado o socialismo científico alemão, o único socialismo científico que existiu [...] e o valor imenso dessa vantagem é demonstrado, por um lado, *pela indiferença por toda a teoria* que constitui uma das causas de o movimento operário inglês avançar tão lentamente, apesar da excelente organização de alguns ofícios” (2008, p. 53-54). Engels reitera a importância do trabalho teórico para as lutas do movimento operário: “[...] os chefes, sobretudo, deverão aprender cada vez mais *sobre todas as questões teóricas*, desembaraçar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da velha concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, a partir do momento em que se torna *ciência*, *exige ser tratado como tal, isto é, ser estudado*” (ibid., p. 55, itálicos meus).

ideológicas e políticas derivadas da nova situação do capitalismo na Europa, depois da grande depressão do início de 1870 e que se prolongaria por duas décadas; a especificidade das condições do desenvolvimento capitalista na Rússia e do seu regime político da autocracia czarista; o crescimento dos partidos operários europeus nas décadas de 1870 e 1880, fator de grande peso para a luta do proletariado em torno da II Internacional, criada em 1889 e a influência da socialdemocracia alemã no movimento operário internacional, principalmente na última década do século XIX e na primeira do século XX. E ainda nesse contexto, não pode ser negligenciada a repercussão e a influência nos grupos de marxistas russos, incluído o próprio Partido Operário Socialdemocrata da Rússia (POSDR) da corrente dos “economicistas”, inspirada nas teses revisionistas de Bernstein apresentadas em *As Premissas do socialismo e as tarefas da socialdemocracia* (1899)¹⁰.

Por outro lado, a importância da teoria também era corroborada por duas circunstâncias adicionais. A primeira, relativa ao caráter internacional do movimento social democrata, que implicava um conhecimento das diferentes experiências das lutas que se desenvolviam em outros países (principalmente os europeus) e, simultaneamente, assumir uma atitude crítica diante das mesmas; a segunda, como observa Boron, representada, “pelas responsabilidades especiais que recaíam sobre o partido russo, pois este devia liberar seu povo do jugo czarista e, ao mesmo tempo, derrubar o mais poderoso baluarte da reação, não só europeia, como também asiática” (BORON, 2006, p. 38).

Mas se a *organização* é um componente ampla e detalhadamente examinado em todas as manifestações de Lênin sobre o processo revolucionário, ele sempre deixa muito claro a ideia de que a organização política do

¹⁰ Vale registrar a oportuna e pertinente observação de Marcelo Braz sobre a influência das ideias de Bernstein na divulgação do *revisionismo* e do *reformismo*: “[...] Bernstein não criou o revisionismo. Tampouco inventou o reformismo. Mas foi quem deu àquela a sua forma mais acabada, o que – aliado à sua projeção e credibilidade teórico – política entre os marxistas – resultou em infinitas polêmicas, debates intermináveis, declarações de apoio e manifestações radicalmente contrárias dos mais diversos teóricos ligados ao PSDA e à Segunda Internacional [...] As tendências revisionistas assumem de vez o comando do partido, fazendo triunfar as teses reformistas ante uma perspectiva de superação da sociedade capitalista. Consolidava-se a hegemonia revisionista - reformista no partido alemão e, com ela, a falência *de fato* da Segunda Internacional como organismo revolucionário do proletariado” (2011, p. 59-60, itálicas do autor). Ainda a respeito das repercussões do chamado *Bernstein-Debate*, ver: BERTELLI, Antonio Roberto. *Revisionismo e ortodoxia no marxismo*. São Paulo: IPSO/IAP, 2003 e *Marxismo e transformações capitalistas: do Bernstein-Debate à República de Weimar - 1899-1933*. São Paulo: IPSO, IAP, 2000 (especialmente p. 17-174); GUSTAFSSON, B. *Marxismo y revisionismo. La crítica bernsteiniana del marxismo y sus premisas histórico-ideológicas*. Barcelona: Grijalbo, 1975.

proletariado se apresenta como a mediação entre a teoria revolucionária e a prática política concreta: “[...] *só um partido orientado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda*” (LENIN, 2010, p. 82, itálicos do autor).

Assim, ao relembrar a luta para superar a cisão entre as tendências que fracionaram o conjunto do movimento socialdemocrata e sobretudo os partidários do segmento oportunista, cujas posições e teses eram veiculadas, entre abril de 1899 e fevereiro de 1902 no *Rabotcheie Dielo*, que apoiava a palavra de ordem bernsteiniana de “liberdade de crítica” ao marxismo e negava as possibilidades de organização revolucionária do campesinato, Lênin na obra *Que Fazer?* pondera, acerca deste debate que,

[...] a famosa liberdade de crítica não implica na substituição de uma teoria por outra, mas a *liberdade de prescindir de qualquer teoria coerente e refletida, expressando ecletismo e ausência de princípios*. Quem conhece, mesmo que pouco, a situação real do nosso movimento não pode deixar de verificar que a ampla difusão do marxismo foi acompanhada por um relativo rebaixamento do nível teórico. Muitos, *poucos preparados teoricamente*, outros inclusive sem qualquer preparo, aderiram ao movimento por seus êxitos práticos e por sua significação efetiva (LENIN, 2010, p. 80, itálicos meus).¹¹

Agora, contudo, já tentando indicar algumas possíveis respostas à principal questão que motivou a elaboração deste artigo, entendo que é necessário frisar que a posição de Lênin sobre a relação entre *consciência e espontaneidade*, decisiva para a sua concepção teórica do partido revolucionário não se identifica, sob qualquer ângulo, com as posições oportunistas, autoritárias e burocráticas dos partidos comunistas de orientação stalinista que consumaram a equivalência deformada de teoria com *doutrina*, para efeito de manipulação político - ideológica.¹²

¹¹ E no mesmo texto, logo em seguida, Lênin menciona a carta de Marx a W.Bracke, de 5 de maio de 1875, sobre o programa de Gotha, na qual qualificava as propostas do documento de unificação dos dois partidos socialdemocratas alemães como oportunista e marcada pelo ecletismo e pela “barganha de princípios” e cheio de “concessões teóricas” (Cf. MARX, K. *Crítica do Programa de Gotha*. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz, 1984. p. 35-36) e desabafa: “Esse era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que em seu nome, procuram reduzir a importância da teoria” (2010, p. 81).

¹² A propósito transcrevo uma passagem de Lukács “[...] Aqueles que não veem em Lênin mais do que um ‘político realista’ inteligente ou mesmo genial, desconhecem inteiramente a essência do seu método. Mas desconhecem-no ainda mais aqueles que julgam encontrar em suas decisões ‘receitas’ aplicáveis a qualquer caso e ‘prescrições’ para uma prática adequada. Lênin jamais formulou ‘regras gerais’ que possam ser aplicadas a toda

É certo que Lênin define o partido como um sujeito político oposto à espontaneidade, mas também um sujeito político que alimenta as suas iniciativas e articula suas táticas considerando que a espontaneidade das massas é o *elemento embrionário da consciência política*, que só se constituirá plenamente no desenvolvimento das ações políticas da luta de classes, quando for colocado em questão o poder político e a própria legitimidade do Estado burguês. A consciência de classe não surge como um momento de “revelação” para cada indivíduo em particular, como simples decorrência do conhecimento, mas de uma experiência prática e continuada de um trabalho de educação política e é por isso que,

a consciência política de classe não pode ser levada ao operário *senão do exterior*, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera de onde se poderá extrair esses conhecimentos é a das relações de *todas* as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de *todas* as classes entre si (LENIN, 2010, p. 145, itálicos do autor).

Enquanto a luta de classes se apresenta como um dado objetivo inserido na essência da própria sociedade capitalista, a consciência que a percebe provém das lutas teóricas, embates travados num domínio fundamentalmente intelectual. Por isso, no que se refere à consciência política do proletariado, Lênin rejeita qualquer forma de espontaneísmo e na sua polêmica com os ‘economicistas’, reitera que “[...] o movimento operário espontâneo não pode resultar, por ele mesmo, *senão* no *trade-unionismo* (e inevitavelmente resulta), e a política *trade-unionista* da classe operária não é mais do que a política burguesa da classe operária” (LENIN, 2010, p. 163).

Todavia, importa observar que Lênin quando afirma que a consciência política de classe não pode chegar ao proletariado de fora da luta econômica, ou seja, de fora das relações entre operários e patrões não propõe o afastamento da luta sindical, o que se confirma em sucessivas passagens do *Que Fazer?*: “[...] As organizações operárias para a luta econômica

uma série de casos. Suas ‘verdades’ brotam da análise concreta de situação concreta com ajuda da concepção dialética da história. De uma ‘generalização’ mecânica de seus gestos ou decisões só pode emergir uma caricatura, um leninismo vulgar” (2012, p. 197). Demais, como enfatiza Atilio Boron, “[...] para além da radicalidade de seu estilo polêmico, não há como negar que Lênin foi, na história do socialismo e, muito particularmente, na história do pensamento socialista, um dos poucos autores capazes de submeter suas próprias idéias a uma crítica rigorosa e, por vezes, impiedosa” (BORON, 2006, p. 53).

devem ser organizações sindicais. *Todo operário socialdemocrata deve, no que for possível, apoiar essas organizações e trabalhar ativamente nelas*” (LENIN, 2010, p. 183, itálicos meus); “[...] A organização de um partido socialdemocrata revolucionário deve inevitavelmente constituir um *gênero diferente* da organização dos operários para a luta econômica” (LENIN, 2010, p. 183, itálicos do autor). O que Lênin defende, em todos os momentos, é a necessidade de levar a consciência política de classe para a luta sindical, *mas tendo sempre como direção o programa revolucionário socialista e é justamente por isso que a questão da organização do partido torna-se decisiva*,

Sobre a questão da organização do partido – e isto não vale apenas para o partido bolchevique e naquela particularidade russa – convém o registro das inúmeras formas de simplificação no sentido de rotular a concepção lenineana como restrita a *um pequeno partido de quadros*, simplificação deliberada com o objetivo de estigmatizar os partidos comunistas inspirados nessa orientação como “dogmáticos”, “autoritários” atc. Neste sentido, valho-me de uma relevante análise de Ruy Penna da qual tomo a liberdade de uma citação relativamente longa:

Lenin jamais sequer sugeriu que a mobilização espontânea das massas pudesse ser substituída pela atuação de qualquer grupo restrito de militantes, ainda que estes fossem extremamente preparados. Ocorreu justamente o inverso: ele manteve um combate incansável contra o ultraesquerdismo (ou sectarismo) ao longo de toda a sua vida política. Ao mesmo tempo, ele também percebeu o significado político oportunista e, portanto, a necessidade de combater aquela forma de espontaneísmo conhecida como economicismo. Na melhor das hipóteses, tanto o ultraesquerdismo quanto o economicismo concebem ‘as relações entre o consciente e o espontâneo’ de um modo mecânico e não dialético e, para Lênin, ambos ‘subestimam a atividade revolucionária das massas’ e ‘têm uma raiz comum, a saber: o culto da espontaneidade’, no caso do ultraesquerdismo apelando para o voluntarismo das ações artificiais que estimulem a mobilização das massas, e no caso do economicismo limitando o programa às ‘reivindicações concretas’ da vida cotidiana. (PENNA, 2014, p. 6-7).

Aliás, sobre a questão da oposição entre a organização como princípio e pressuposto da ação revolucionária do partido como sujeito político e uma suposta subestimação do elemento espontâneo atribuída a Lênin, que inclusive estaria no cerne da divergência entre ele e Rosa Luxemburgo, vale

mencionar uma passagem do *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo* que desautoriza a referida interpretação e, ao mesmo tempo, coloca em xeque as críticas à decantada rigidez e inflexibilidade das diretrizes que orientam a concepção do partido e da ação revolucionária derivadas de seu legado teórico e político:

A história em geral, e a das revoluções em particular, é sempre mais rica de conteúdo, mais variada em suas formas e aspectos, mais viva e mais ‘astuta’ do que imaginam os melhores partidos, as vanguardas mais conscientes das classes mais avançadas. E isso é compreensível, pois as melhores vanguardas exprimem a consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhares de homens, ao passo que a revolução é obra – em momentos de especial exaltação e tensão de todas as faculdades humanas – pela consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhões de homens incitados pela mais aguda luta de classes. Daí se depreendem duas conclusões práticas muito importantes: a primeira, que a classe revolucionária, para realizar sua missão, deve saber utilizar *todas* as formas ou aspectos, sem a menor exceção, da atividade social (terminando depois da conquista do poder político, às vezes com grande risco e imenso perigo, o que não terminou antes dessa conquista); a segunda, que a classe revolucionária deve estar preparada para substituir uma forma por outra do modo mais rápido e inesperado (LENIN, 2014, p. 144).¹³

De qualquer modo, a grande questão que desafiou Lênin e por ele foi enfrentada era como organizar, nas condições históricas conhecidas, um partido revolucionário e como vincular esse partido aos diversos setores constitutivos do proletariado. A necessidade da teoria, da consciência crítica que se exerce sobre o movimento e sobre a sua espontaneidade é, nessa concepção, decisivo e essencial. O partido revolucionário do proletariado só pode ser autônomo e capaz de assegurar as condições para a consecução do projeto de ultrapassagem da ordem burguesa, na medida em que for portador dessa consciência política. Por isso, na construção desse partido se deve partir do *momento da consciência teórica e da iniciativa política*, o que implica a exigência de relações organizativas precisas e de disciplina consciente.

¹³ Sobre a divergência de Rosa Luxemburgo, quando esta entende que a organização é um *produto do movimento revolucionário das massas*, ver as observações de LUKÁCS, op.cit., p. 52-53.

Por outro lado, não resta dúvida de que essa concepção de partido político revolucionário é também incompatível com as características do intelectual tradicional, do intelectual orgânico da burguesia, na medida em que sua inserção na política requer a militância efetiva e integral no trabalho de educação política do proletariado; afinal, o que Lênin afirma é que, de um lado, a consciência teórica dos intelectuais não existe sem o seu objeto e, de outro, que a incapacidade dos operários para romper “de dentro” a ideologia burguesa, implica a necessidade deles receberem do exterior de sua prática cotidiana, os conhecimentos oriundos de outro universo teórico, conhecimentos indispensáveis para a compreensão das contradições existentes na realidade social. É assim que, para Lênin, supera-se a cisão entre prática e teoria, entre operários e intelectuais. Na reflexão de Lênin a ultrapassagem desta cisão só pode ser operada através de um movimento que contemple a articulação entre conhecimento e ação em uma realidade social concreta:

Já afirmamos que os operários *nem sequer podiam ter* consciência socialdemocrata. Esta só dia ser introduzida de fora. A história de todos os países comprova que a classe operária, valendo-se exclusivamente s de suas próprias forças, só é capaz de elaborar uma consciência *trade-* unionista, ou seja, uma convicção de que é preciso reunir-se em sindicatos, lutar contra os patrões, cobrar do governo a promulgação de umas e outras leis necessárias aos operários etc. Já a doutrina do socialismo nasceu das teorias filosóficas, históricas e econômicas formuladas por representantes instruídos das classes proprietárias, por intelectuais. Os próprios fundadores do socialismo científico moderno, Marx e Engels, pela sua situação social, pertenciam à intelectualidade burguesa (LENIN, 2010, p. 89-90, itálicos do autor).

A resposta à indagação que motivou este artigo requer uma advertência realmente indispensável para a sua plena inteligibilidade: a necessidade ou não de um partido revolucionário, independente da concepção que julgemos mais adequada aos fins propostos, pressupõe uma definição sobre o projeto de sociedade que vinculamos à ação transformadora da qual esse partido seja um instrumento essencial ou seja: *ele só pode ser pensado por quem assuma uma proposta de transformação revolucionária da sociedade concretizada pelo modo de produção capitalista*. Em outras palavras, não tratarei aqui de reflexões mais ou menos sofisticadas sobre a falência

da forma partido, da “nova sociedade civil”, da “nova emergência das multidões” e do fim das lutas de classes, das concepções do “antipoder” (John Holloway), do retrocesso romântico das organizações comunitárias e dos transformismos nada ingênuos da “economia solidária”, entre outras artimanhas da imaginação burguesa; aqui o meu interesse é muito claro: o que subsiste das concepções de Lênin que pode ser incorporado ao processo de reestruturação revolucionária do Partido Comunista?

A reprodução, hoje, daquilo que Lênin defendeu no início do século passado- um órgão de imprensa para toda a Rússia com o objetivo de contraposição aos “círculos” e ao “trabalho artesanal”, à fragmentação dos grupos etc implica a necessidade (e possibilidade efetiva) de nosso Partido ter a capacidade de operar uma política de comunicação e informação em toda a dimensão de um país com amplas, sedimentadas e complexas desigualdades e diferenciações econômicas, sociais, culturais e, acima de tudo, uma política capaz de atender especialmente as áreas de grandes concentrações operárias.

Evidentemente que este problema concreto e decididamente só pode ser enfrentado mediante um sistema de aparatos de *comunicação, informação e formação política* que implica não somente o partido, *porém o Partido mais as suas mediações*, compatíveis com o embate e a luta ideológica, mas é fundamental, para a *construção de uma estratégia de ruptura realmente revolucionária* entender que a *luta ideológica*, que assumiu uma nova dimensão, exige uma intensidade muito maior e uma profunda mudança no trabalho partidário relativo à educação política, não só no que concerne à militância interna, mas o reconhecimento efetivo da necessidade *do recrutamento e da formação continuada de quadros oriundos diretamente da classe operária e dos diversos setores do proletariado*. Esta proposição aparentemente é óbvia e , numa análise mais apressada, até mesmo eivada de um certo tipo de obreirismo, mas deriva de algumas constatações que submeto à discussão e crítica.

A participação do nosso partido (PCB) nessa luta ideológica, em termos concretos, acomodou-se às manifestações e a produção publicizada de alguns intelectuais comunistas (nem sempre intelectuais com participação orgânica no cotidiano partidário), a atividades esporádicas, fragmentárias de formação política (eventos isolados, seminários, encontros, “cur-

“relâmpagos” de final de semana e às rotineiras e tradicionais “análises de conjuntura” operadas nas células partidárias etc). Em outras palavras, mesmo o eventual sucesso de algumas dessas atividades, do ponto de vista midiático e de presença de público, não pode elidir o fato de que não temos um projeto ambicioso e compatível com as demandas do campo de batalha da história, razão pela qual a nossa contribuição para ampliar e fortalecer o campo antagônico à burguesia ainda é, para dizer o mínimo, extremamente tímida.

Apesar da impossibilidade de um inventário das condições objetivas historicamente constitutivas, é forçoso reconhecer que as mudanças ocorridas nas quatro últimas décadas também implicaram uma derrota dos comunistas no embate ideológico e uma das consequências dessa derrota – que mesmo não sendo definitiva, fortaleceu a ascensão contrarrevolucionária – foi a disseminação de uma resistência anticomunista no interior da própria classe operária e, ao mesmo tempo, um terreno propício à recepção de todas as formas de reformismo e oportunismo. E tenho a certeza de que a acomodação da intelectualidade comunista ao confortável espaço universitário para a sua participação no necessário e cada vez mais urgente e crucial trabalho de formação de quadros na classe operária e demais setores do proletariado é mais uma questão a ser enfrentada, se o que pretendemos é contar com um forte movimento operário articulado com os diversos movimentos sociais, sob a vanguarda do bloco revolucionário do proletariado.

Em resumo, como escreve Lukács:

[...] *O partido tem de preparar a revolução.* Quer dizer, ele tem, por um lado, de procurar atuar (por meio da influência sobre a ação do proletariado e também das outras camadas exploradas) para a *aceleração* do processo de amadurecimento dessas tendências revolucionárias; por outro lado, no entanto, ele tem de preparar o proletariado ideológica, tática, material e organizacionalmente para a ação necessária na situação revolucionária aguda. (LUKÁCS, 2012, p. 2, itálicos do autor).

REFERÊNCIAS

- BENEFELD, Werner; TISCHLER, Sérgio (Comp.). *A 100 Ános del Qué Hacer? Leninismo, crítica marxista y la cuestión de la revolución*. Buenos Aires: Puebla, Herramienta: Universidad Autónoma de Puebla, 1985.
- BENSAÏD, D.; NAIR, A. A propos de la question de l'organization. Lénine et Rosa Luxemburg. *Partisans*, Paris, n. 45, 1969.
- BERTELLI, Antonio Roberto. A questão do estado e da transição el Lênin e Bukhárin. *Novos Rumos*, ano 1, n. 2, p. 181-221, 1986.
- _____. *Capitalismo de estado e socialismo: o tempo de Lênin 1917-1927*. São Paulo: IPSO, IAP, 1999.
- _____. *Marxismo e transformações capitalistas: do Bernstein- Debate à República de Weimar – 1899-1933*. São Paulo: IPSO: IAP, 2000.
- _____. *Revisionismo e ortodoxia no marxismo*. São Paulo: IPSO: IAP, 2003.
- BORON, Atilio. Estudo introdutório – atualidade de *Que Fazer?*. In: LENIN, V. I. *Que Fazer? A organização como sujeito político*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRANDT, Vinícius Caldeira. Nota sobre as interpretações burocráticas da burocracia ou as artes da tesoura. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 17, jul./out. 1976.
- BRAZ, Marcelo. Apresentação. In: LENIN, V. I. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- _____. *Partido e revolução: 1848-1989*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CARLO, Antonio. A concepção do partido revolucionário em Lenin. *Estudos Cebrap*, São Paulo, jan./mar. 1975.
- CHASIN, J. A sucessão na crise e a crise na esquerda. *Ensaio*, n. 17/18, 1989.
- COSTA, Edmilson. *A globalização e o capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- _____. *A crise econômica mundial, a globalização e o Brasil*. São Paulo: ICP, 2013.
- COUTINHO, Ronaldo. Lênin: a dimensão teórica e prática do compromisso político revolucionário. In: LENIN, V. I. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- _____. Por que Lênin?. *Novos Temas: Revista de Debate e Cultura Marxista*, São Paulo, n. 9, p. 103-119, 2014.
- ENGELS, Friedrich. *As Guerras Camponesas na Alemanha*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

- FERNANDES, Florestan. Apresentação. In: LENIN, V. I. *Que fazer?* São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- FERREIRA, Muniz. Crise de hegemonia, globalização e imperialismo. In: PINHEIRO, Milton (Org.). *A reflexão marxista sobre os impasses do mundo atual*. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 213-236.
- GARCIA, Marco Aurélio. Reforma e revolução/ reforma ou revolução (discussão de um paradigma). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 9-38, mar./ago. 1990.
- GRUPPI, Luciano. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979
- GUSTAFSSON, B. *Marxismo y revisionismo. La crítica bernsteiniana del marxismo y sus premisas histórico-ideológicas*. Barcelona: Grijalbo, 1975.
- JOHNSTONE, Monty. Lênin e a revolução. In: HOBBSAWM, Eric J. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LEFEBVRE, H. *La pensée de Lénine*. Paris: Ed. Bordas, 1957.
- LIEBMAN, Marcel. *Le Léninisme sous Lénine*. Paris: Éditions du Seuil, 1973. v. 1.
- LENIN, V. I. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- _____. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- LÉNINE, V. *Oeuvres*. Paris: Éditions Sociales, 1959, t. 4; 1966, t. 1, t. 7; 1967, t. 13.
- LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Rio de Janeiro: Ciência e Paz, 1984.
- MARX, Karl; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v. 1.
- MAZZEO, Antonio Carlos. Lênin e a teoria do Estado Revolucionário. *Novos Rumos*, ano 2, n. 2, p. 155-187, 1987.
- NETTO, José Paulo. *Marxismo impenitente: contribuição à história das ideias marxistas*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. Introdução. In: LÊNIN, V. I. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

PENNA, Ruy. Apresentação. In: *1903: Atas do Segundo Congresso do Partido Operário Socialdemocrata da Rússia (POSDR)*. São Paulo: Editora Marxista, 2014. v. 1.

PINHEIRO, Milton. Operador político, movimentos sociais e lutas antissistêmicas. In: _____. (Org.). *A reflexão marxista sobre os impasses do mundo atual*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

RODRIGUES, Leôncio Martins; DE FIORE, Ottaviano. Lênin e a Sociedade Soviética: o capitalismo de estado e a burocracia. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 15, jan./mar. 1976.